

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT10.019](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT10.019)

FUNDAMENTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS DO ENSINO DE HISTÓRIA PARA ALUNOS SURDOS NOS ANOS INICIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

GABRIELE VIEIRA NEVES

Licenciada em História, Mestra em Educação e Doutora em Ciências da Linguagem. Docente do Curso de Pedagogia Bilíngue Libras-Português do Instituto Federal de Educação - IFSC, Campus Palhoça Bilíngue, gabriele.neves@ifsc.edu.br.

RESUMO

O ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental apresenta algumas peculiaridades em relação aos demais níveis de ensino. Isso porque, a construção das noções e das categorias temporais ocorre de forma gradual ao longo da primeira infância. No caso das crianças surdas, há que se levar em conta, além da maturidade cognitiva para construção de conceitos, o estágio do processo de aquisição da língua de sinais em que elas se encontram. Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo discutir os fundamentos teórico-metodológicos que podem nortear as práticas docentes no ensino de História para crianças surdas, nos anos iniciais do ensino fundamental. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, embasada nos estudos de Bittencourt (2018), Guimarães (2012), Fermiano (2014) e Quadros (2008). Também buscou-se dialogar com documentos oficiais tais como, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa - MEC/SECADI (2014). Como resultados, percebe-se a necessidade de levar em consideração os conhecimentos socioculturais e linguísticos prévios dos estudantes surdos e utilizá-los como ponto de partida para a construção das noções e categorias histórico-temporais.

Palavras-chave: Ensino de História para surdos, Educação de Surdos, Ensino de História nos anos iniciais – Categorias temporais – Educação bilíngue.

INTRODUÇÃO

O ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental apresenta algumas peculiaridades em relação aos demais níveis de ensino. Isso porque, a construção das noções e das categorias temporais ocorre de forma gradual ao longo da primeira infância.

No caso das crianças surdas, há que se levar em conta, além da maturidade cognitiva para construção de conceitos, o estágio do processo de aquisição da língua de sinais em que elas se encontram. Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo discutir os fundamentos teórico-metodológicos que podem nortear as práticas docentes no ensino de História para crianças surdas, nos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso, fizemos uma breve incursão sobre a documentação oficial que parametriza o ensino de história no Brasil, bem como orientações curriculares para a educação de surdos numa perspectiva bilíngue.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, embasada nos estudos de Bittencourt (2018), Guimarães (2012), Fermiano (2014) e Quadros (2008). Também buscou-se dialogar com documentos oficiais tais como, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa - MEC/SECADI (2014) e a Proposta Curricular para o Ensino de Português como Segunda Língua para Estudantes Surdos da Educação Básica e do Ensino Superior: Caderno II - Ensino Fundamental (anos iniciais), elaborado pela Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos - DIPEBS (2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Começaremos refletindo sobre os pressupostos teórico-metodológicos para o ensino de História presentes na Base Nacional Comum Curricular, documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. (Brasil, 2018). Segundo este documento, o objetivo de estudar História no Ensino Fundamental é “estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem, de

forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas.” (Brasil, 2018, p. 400). Ainda segundo a BNCC, o estudo da história aguça “a percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania.” (Brasil, 2018, p. 400).

A BNCC prevê ainda, que os anos iniciais tenham como enfoque a construção do sujeito, a partir da tomada de consciência da existência de um “Eu” e de um “Outro” onde o indivíduo toma consciência de si a partir da sua autopercepção como parte de uma família, de uma comunidade e um corpo social. Em meio às vivências cotidianas, identificam seu lugar na família, na escola e no espaço em que vivem. Essas aprendizagens tornam-se mais complexas à medida que o sujeito reconhece que existe um “Outro” e que cada um apreende o mundo de forma particular. (Brasil, 2018).

O trabalho com noções temporais também é previsto na BNCC, como objeto de estudo da história nos anos iniciais do ensino fundamental, assim como outros pressupostos epistemológicos, tais como: “a natureza compartilhada do sujeito e do objeto de conhecimento, o conceito de tempo histórico em seus diferentes ritmos e durações, a concepção de documento como suporte das relações sociais, as várias linguagens por meio das quais o ser humano se apropria do mundo”. (Brasil, 2018, p. 400-401).

Os principais temas a serem abordados nos anos iniciais são: Mundo pessoal: meu lugar no mundo, eu, meu grupo social e meu tempo; A comunidade e seus registros; As formas de registrar as experiências da comunidade; O trabalho e a sustentabilidade na comunidade; As pessoas e os grupos que compõem a cidade e o município; A noção de espaço público e privado; Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos; Circulação de pessoas, produtos e culturas; As questões históricas relativas às migrações; Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social; Registros da história: linguagens e culturas. etc

Infográfico 1 - BNCC: Temáticas por ano-série na BNCC.

Temáticas por ano-série

Pode-se dizer que, do 1º ao 5º ano, as habilidades trabalham com diferentes graus de complexidade, mas o objetivo primordial é o reconhecimento do "Eu", do "Outro" e do "Nós".



Material elaborado a partir da BNCC - Base Nacional Comum Curricular - CIÊNCIAS HUMANAS - HISTÓRIA E GEOGRAFIA FUNDAMENTAL, p.397 - 415.

Fonte: elaborado pela autora a partir da BNCC (p. 397 - 415).

Outros aspectos importantes trazidos pelo documento são os processos de identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise de um objeto que estimulam o pensamento. No quadro abaixo podemos observar a sistematização de alguns exemplos de cada um desses processos:

Quadro 1 - Processos de aprendizagem do histórica

Processo	Conceituação e exemplos
Identificação	Perguntas que podem auxiliar na identificação de um objeto a ser estudado: De que material é feito o objeto em questão? Como é produzido? Para que serve? Quem o consome? Seu significado se alterou no tempo e no espaço? Como cada indivíduo descreve o mesmo objeto? Os procedimentos de análise utilizados são sempre semelhantes ou não? Por quê? (BNCC, 2018, p. 398-399)

Processo	Conceituação e exemplos
Comparação	<p>Faz ver melhor o Outro. Se o tema for, por exemplo, pintura corporal, a comparação entre pinturas de povos indígenas originários e de populações urbanas pode ser bastante esclarecedora quanto ao funcionamento das diferentes sociedades. Indagações sobre, por exemplo, as origens das tintas utilizadas, os instrumentos para a realização da pintura e o tempo de duração dos desenhos no corpo esclarecem sobre os deslocamentos necessários para a obtenção de tinta, as classificações sociais sugeridas pelos desenhos ou, ainda, a natureza da comunicação contida no desenho corporal. Por meio de uma outra linguagem, por exemplo, a matemática, podemos comparar para ver melhor semelhanças e diferenças, elaborando gráficos e tabelas, comparando quantidades e proporções (mortalidade infantil, renda, postos de trabalho etc.) e, também, analisando possíveis desvios das informações contidas nesses gráficos e tabelas. (BNCC, 2018, p. 399)</p>
Contextualização	<p>Saber localizar momentos e lugares específicos de um evento, de um discurso ou de um registro das atividades humanas é tarefa fundamental para evitar atribuição de sentidos e significados não condizentes com uma determinada época, grupo social, comunidade ou território. Portanto, os estudantes devem identificar, em um contexto, o momento em que uma circunstância histórica é analisada e as condições específicas daquele momento, inserindo o evento em um quadro mais amplo de referências sociais, culturais e econômicas. Distinguir contextos e localizar processos, sem deixar de lado o que é particular em uma dada circunstância, é uma habilidade necessária e enriquecedora. Ela estimula a percepção de que povos e sociedades, em tempos e espaços diferentes, não são tributários dos mesmos valores e princípios da atualidade. (BNCC, 2018, p. 399)</p>
Interpretação	<p>O exercício da interpretação – de um texto, de um objeto, de uma obra literária, artística ou de um mito – é fundamental na formação do pensamento crítico. Exige observação e conhecimento da estrutura do objeto e das suas relações com modelos e formas (semelhantes ou diferentes) inseridas no tempo e no espaço. Interpretações variadas sobre um mesmo objeto tornam mais clara, explícita, a relação sujeito/objeto e, ao mesmo tempo, estimulam a identificação das hipóteses levantadas e dos argumentos selecionados para a comprovação das diferentes proposições. [...] O exercício da interpretação também permite compreender o significado histórico de uma cronologia e realizar o exercício da composição de outras ordens cronológicas. Essa prática explicita a dialética da inclusão e da exclusão e dá visibilidade ao seguinte questionamento: “O que torna um determinado evento um marco histórico?” (BNCC, 2018, p.399 - 400)</p>
Análise	<p>A análise é uma habilidade bastante complexa porque pressupõe problematizar a própria escrita da história e considerar que, apesar do esforço de organização e de busca de sentido, trata-se de uma atividade em que algo sempre escapa. Segundo Hannah Arendt, trata-se de um saber lidar com o mundo, fruto de um processo iniciado ao nascer e que só se completa com a morte. Nesse sentido, ele é impossível de ser concluído e incapaz de produzir resultados finais, exigindo do sujeito uma compreensão estética e, principalmente, ética do objeto em questão. (BNCC, 2018, p. 400)</p>

Fonte: elaborado pela autora a partir da BNCC (p. 398 - 400).

Em síntese, espera-se que o conhecimento histórico seja tratado como uma forma de pensar, entre várias; uma forma de indagar sobre as coisas do passado e do presente, de construir explicações, desvendar significados, compor e decompor interpretações, em um movimento contínuo ao longo do tempo e do espaço. (Brasil, 2018, p. 401). Trata-se de pensar a história como uma ferramenta para maior compreensão das experiências humanas e das sociedades em que se vive. Neste sentido, “[...] o passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual.” (Brasil, 2018, p. 397).

De forma complementar ao que define a BNCC, podemos nos orientar também pelos argumentos de alguns dos principais pesquisadores da área de história sobre o ensino nos anos iniciais do ensino fundamental.

Para Guimarães (2017, p. 218) “o ensino e aprendizagem da História permitem-nos ver as experiências sociais em movimento, as transformações e permanências; um processo que assume formas muito diferenciadas, produto das ações e relações dos próprios homens. (Guimarães, 2017, p. 218). Além disso, para a autora, “[...] a História ensina a ter respeito pela diferença, contribuindo para o entendimento dos modos de leitura e escrita do mundo em que gostaríamos de viver”. (Guimarães, 2017, p. 218). Ainda segundo a autora, considerando-se que houve uma ampliação dos objetos de estudo, dos temas, dos problemas e das fontes históricas utilizadas no ensino de história, a interdisciplinaridade e o diálogo entre as diferentes fontes e áreas de conhecimento são fundamentais para pensarmos em práticas pedagógicas que transcendam a mera reprodução dos livros didáticos. (Guimarães, 2017, p. 221).

Baseada nas proposições de Vygotsky, Eisenberg (2017) defende que a gênese do desenvolvimento das noções temporais se encontra na linguagem e nas relações sociolinguísticas, pois engloba diversos conceitos abstratos. que dependem muito da forma como a linguagem os traduz e os organiza. Assim, para a autora, os adultos devem simplificar noções temporais complexas para as crianças, a fim de facilitar a comunicação, lançando mão de estratégias linguísticas e não linguísticas que os auxiliam a tornar o abstrato mais concreto. (Eisenberg, 2017, p.4).

É importante se trabalhar com as crianças as noções de tempo e espaço associadas, além de propor reflexões sobre as especificidades do tempo, que pode ser o tempo vivido (tempo da experiência individual) e o tempo concebido (organizado e sistematizado pelas diferentes sociedades). (Bitencourt, 2018).

A questão da temporalidade e da forma como as crianças entendem a passagem do tempo está relacionada com a experiência familiar. Recorrem a lembranças de objetos (presentes de Natal e aniversário), festas, nascimentos, para organizar o tempo com sentido de progresso. Um menino diz que se recorda de quando estava na barriga da mãe, de coisas que a mãe fazia. Segundo ele, são suas lembranças mais antigas. Dessa forma, a criança atribui um primeiro sentido explicativo a um tempo em que ainda não existia fora da barriga da mãe. É uma forma de colocar-se no mundo. Recordando-se a partir de lembranças, na multiplicidade de tempos – passado, presente e futuro, a criança vai selecionando as memórias e construindo as dimensões temporais do real vivido e não vivido. (Cainelli, 2006, p.6).

Na mesma direção, Antonello (2019) defende que a construção de artefatos espaço visuais e o trabalho cotidiano com a própria rotina escolar contribuem para a construção das noções temporais, que, por sua vez ajudam a criança a ter mais autonomia para saber sobre a sua rotina, sem depender do adulto a todo momento “para saber o quem vem depois”. Ao invés de o professor simplesmente dizer à turma que horas são, ou que atividade vão fazer depois, é importante proporcionar à criança condições de observar e medir o próprio tempo por meio de referências visuais, com o uso de relógios, calendários e artefatos materiais, tais como, quadros de rotinas e calendários.

A noção de tempo histórico é fundamental para que o saber histórico seja produzido. Por isso, é importante observar como o aluno entende a passagem do tempo e o que é passado, somente assim poderá ser construída a noção de tempo histórico ao longo da sua incursão pelo ensino fundamental. Esse é um objetivo que precisa ser perseguido do primeiro ao quinto ano, pois a criança não se familiariza instantaneamente com noções complexas, tais como, duração, sucessão, simultaneidade, mudanças e permanências. (Fermiano, 2014). No quadro abaixo podemos observar as características de cada uma das categorias temporais elencadas pela autora:

Quadro 2 - Categorias temporais segundo Fermiano (2014)

Categorias temporais	Características
Sucessão	Permite estabelecer a ordem dos acontecimentos. Podemos utilizar atividades que proponham a reflexão da ordem das atividades da rotina, de sequência lógica de determinada atividade, etc.

Categorias temporais	Características
Duração	Denota a extensão temporal de um fenômeno, é a linha temporal que transcorre do início até o final de uma experiência.
Permanência e mudança, semelhança e diferença.	Para trabalhar essas noções é necessário estabelecer critérios de agrupamento, que vão ficando cada vez mais abrangentes e complexos. Deve-se trabalhar desde a educação infantil com a classificação de objetos que contam uma história, despertam alguma memória.
Causalidade e mudanças temporais.	Por volta dos 3 anos de idade, as crianças manifestam interesse sobre os motivos pelos quais os fatos ocorrem e são capazes de apresentar alguma interpretação a respeito. Entre 7 e 11 anos, as crianças entendem a mudança como a substituição de uma coisa por outra. O que é e como funciona um processo histórico é algo mais complexo, e leva mais tempo para ser compreendido. Essa noção temporal permite à criança organizar mentalmente suas experiências e estabelecer relações de causa e efeito.
Identidade	O trabalho com essa categoria envolve a construção de noções de continuidade e permanência. A partir do contato com o outro e com a diferença é que a criança vai construir sua identidade.

Fonte: Elaborada pela autora com base em Fermiano (2014).

Após essa incursão teórica sobre o ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental, podemos começar a refletir sobre as especificidades das práticas pedagógicas que envolvam alunos surdos estabelecendo relações com o que propõe Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa - MEC/SECADI (2014). Embora o documento não trate especificamente do ensino de História, ele serve como norte para atuação em ambientes bilíngues Libras-Língua Portuguesa. O documento não fala especificamente sobre o ensino de história, entretanto, partimos do pressuposto de que o ensino nos anos iniciais deve ser interdisciplinar e está intimamente ligado às práticas de alfabetização e letramento.

A Educação Bilíngue Libras - Português é entendida como a escolarização que respeita a condição da pessoa surda e sua experiência visual como constituidora de cultura singular, sem, contudo, desconsiderar a necessária aprendizagem escolar do português. Demanda o desenho de uma política linguística que defina a participação das duas línguas na escola em todo o processo de escolarização de forma a conferir legitimidade e prestígio da Libras como língua curricular e constituidora da pessoa surdo. (MEC/SECADI, 2014, p. 7).

Para ilustrar as possibilidades de atuação no ensino de surdos de forma a estimular a alfabetização e o letramento em uma perspectiva bilíngue de ensino de português como segunda língua, elaboramos um quadro com trechos da Proposta Curricular para o Ensino de Português como Segunda Língua para Estudantes Surdos da Educação Básica e do Ensino Superior: Caderno II - Ensino Fundamental (anos iniciais), elaborado pela Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos - DIPEBS (2021), que apontam possibilidades metodológicas que levem em conta as especificidades dos estudantes surdos usuários de Libras como primeira língua e de língua portuguesa como segunda língua.

O caderno apresenta uma proposta curricular para os estudantes surdos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, o que demanda mais adequações, conforme suas especificidades e contextos de ensino, aos estudantes surdocegos, surdos com altas habilidades e surdos com deficiências associadas. Parte-se do pressuposto que é pela língua de sinais que os surdos percebem e compreendem o mundo, bem como é por ela que têm acesso ao conhecimento. Ou seja, o documento não vê a “língua como meio”, como mero instrumento de comunicação, e por isso, baseou-se na temática “interface da cultura surda com a cultura não-surda”; afinal:

[...] é a cultura que oferece as ferramentas para organizar e entender o mundo, além de ampliar a capacidade e a compreensão semântica, podendo desenvolver, a partir desses dois pólos, um bilinguismo verdadeiramente voltado para a transformação e adequação e não para a adaptação. Os temas multiculturais ganham destaque e têm relação direta com os gêneros textuais a serem trabalhados, além de se fazerem presentes em todo o currículo. (Brasil, 2021, p. 8).

O documento esclarece ainda, que a maioria das práticas de leitura e escrita propostas para os anos iniciais do ensino fundamental foi pensada para ser mediada pelo professor e de forma coletiva até o terceiro ano, ou seja, a autonomia no processo de ler e escrever na segunda língua ocorre gradativamente nos primeiros três anos, intensificando-se nos dois anos seguintes. Isso deve ser levado em consideração ao propormos também atividades que envolvam leitura e produção de texto de cunho histórico.

Na tabela a seguir, indicamos algumas possibilidades metodológicas a serem desenvolvidas associando as habilidades propostas para o ensino de português como segunda língua para estudantes surdos e as habilidades da área de história. Selecionamos algumas das atividades propostas para língua portuguesa de

diferentes etapas dos anos iniciais do ensino fundamental que podem ter como base textos, imagens, vídeos e narrativas históricas vinculadas às temáticas sugeridas na BNCC e às temáticas da cultura surdas.

Quadro 3 - Interfaces entre ensino de línguas e ensino de História nos anos iniciais.

Habilidades elencadas no Caderno II - ensino de Português como Segunda Língua para Estudantes Surdos	Possibilidades de exploração na área de História.
<p>Interpretar informações contidas em documentos pessoais (certidão de nascimento, ficha de matrícula, carteira de identidade etc.), bulas de remédios e instruções de montagem.</p>	<p>Trabalho com a temática do “eu”, quem sou, meu sinal em Libras etc. Unidade temática da BNCC “Mundo pessoal: meu lugar no mundo”. Produção de auto retrato, atividades com fotografias e registro do sinal em Libras, entrevistas sobre os gostos e preferências individuais, linha do tempo pessoal, árvore genealógica, ensinar o passo-a-passo de uma brincadeira favorita. Em duplas, simular o atendimento em uma recepção: um aluno atende e outro é atendido, precisando preencher formulários com base em documentos pessoais. Leitura de certidões de nascimento antigas, colocar em uma linha do tempo coletiva as datas de nascimento e visualizar a passagem do tempo, quem é mais velho, quem é mais jovem.</p>
<p>Identificar a importância da prática social de identificação e registro de dados pessoais.</p>	<p>Segundo Cainelli (2006) “É possível perceber que as crianças demonstram um entendimento da História a partir do nascimento e da existência de suas vidas. Vale salientar que essas crianças não tiveram ainda aulas sobre História, mas todas as crianças do ensino fundamental de primeira e segunda série já fizeram alguma atividade escolar envolvendo o registro de nascimento.” (Cainelli, 2006, p. 3).</p>
<p>Preencher formulários simples, impressos ou virtuais, com dados pessoais.</p>	<p>A realização de leitura de imagens históricas, podem ser exploradas em diversas unidades temáticas da BNCC, pois dependendo do conteúdo, o professor pode selecionar imagens históricas, pinturas, fotografias antigas etc. Explorar sua composição visual e seus significados histórico-culturais de forma dialógica, mediada pela Libras. Os alunos podem ser desafiados a criar legendas para imagens históricas, pinturas, fotografias antigas etc. Produção de releituras, trabalhos com colagem e montagem de fotografias. Comparação de imagens antigas e atuais. Arte surda e imagens históricas da comunidade surda também podem compor o acervo de imagens analisadas.</p>
<p>Explorar cores, imagens e suas funções em textos multimodais, de diferentes gêneros textuais, com temas do cotidiano e manifestações artísticas, literárias e culturais, incluindo aqueles que circulam na comunidade surda.</p>	<p>A realização de leitura de imagens históricas, podem ser exploradas em diversas unidades temáticas da BNCC, pois dependendo do conteúdo, o professor pode selecionar imagens históricas, pinturas, fotografias antigas etc. Explorar sua composição visual e seus significados histórico-culturais de forma dialógica, mediada pela Libras. Os alunos podem ser desafiados a criar legendas para imagens históricas, pinturas, fotografias antigas etc. Produção de releituras, trabalhos com colagem e montagem de fotografias. Comparação de imagens antigas e atuais. Arte surda e imagens históricas da comunidade surda também podem compor o acervo de imagens analisadas.</p>
<p>Apontar em fotos e imagens os sujeitos que estão envolvidos.</p>	<p>A realização de leitura de imagens históricas, podem ser exploradas em diversas unidades temáticas da BNCC, pois dependendo do conteúdo, o professor pode selecionar imagens históricas, pinturas, fotografias antigas etc. Explorar sua composição visual e seus significados histórico-culturais de forma dialógica, mediada pela Libras. Os alunos podem ser desafiados a criar legendas para imagens históricas, pinturas, fotografias antigas etc. Produção de releituras, trabalhos com colagem e montagem de fotografias. Comparação de imagens antigas e atuais. Arte surda e imagens históricas da comunidade surda também podem compor o acervo de imagens analisadas.</p>

Habilidades elencadas no Caderno II - ensino de Português como Segunda Língua para Estudantes Surdos	Possibilidades de exploração na área de História.
Analisar manchetes e títulos e prever o conteúdo das notícias. - Identificar o que aconteceu, com quem, onde, como, quando e quais foram as consequências em notícias e reportagens simples, extraídas de textos multimodais adequados ao público infantil, com temas do cotidiano e manifestações artísticas, literárias e culturais, incluindo aqueles que circulam na comunidade surda.	Podem ser utilizados jornais e fontes históricas de diferentes períodos históricos. Utilização de fontes primárias, explorar a contextualização (quem? onde? como? quando?). Trabalhar com os sinais em Libras para marcação destas perguntas de contextualização.
Identificar os textos literários, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade. - Distinguir o real da fantasia, em lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge, cartuns	Conceito de patrimônio, educação patrimonial. Temáticas como folclore, história e cultura dos povos indígenas e africanos podem ser exploradas a partir destas habilidades. Exploração da literatura como forma de positivar memórias ancestrais de diversos povos, inclusive dos povos surdos (histórias do folclore surdo, como por exemplo, a árvore surda).
Ler, em colaboração com os colegas e com auxílio do professor, textos narrativos como contos (populares, de fadas, cumulativos, de assombração etc.) e crônicas (com assunto vinculado ao cotidiano das cidades).	Pode-se propor a contação dessas histórias tradicionais em Libras ou a produção de novas narrativas a partir delas.
Identificar o uso de recursos coesivos (progressão do tempo, marcação do espaço e relações de causalidade) em revisão de textos contados e filmados a partir de lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charges, cartuns.	Ao trabalhar com textos históricos e com essas habilidades de escrita que envolvem marcação temporal, estamos contribuindo para o desenvolvimento das noções temporais, mencionadas anteriormente neste texto.
Extrair, de textos lidos, palavras que indicam ações que acontecem agora, que já aconteceram ou que acontecerão por meio dos fatos das histórias, dos acontecimentos, das diferentes mídias e dos contextos que envolvem o estudante.	
Participar de situações de contação e dramatização de histórias para ampliar seu contato com diferentes gêneros textuais e ampliar conhecimento dos surdos relativamente a contos, textos de humor e crônicas.	

Habilidades elencadas no Caderno II - ensino de Português como Segunda Língua para Estudantes Surdos	Possibilidades de exploração na área de História.
Elaborar coletivamente, em interação com o professor, questionários para realizar entrevistas , dentro e fora de sala de aula.	Pode-se explorar a temática da BNCC “As formas de registrar as experiências da comunidade”. As fontes que podem ser utilizadas: relatos orais e sinalizados, objetos, imagens (pinturas, fotografias, vídeos), escrita, tecnologias digitais de informação e comunicação e inscrições nas paredes, ruas e espaços sociais. Pode-se explorar as memórias surdas, a partir de entrevista com membros da comunidade surda, comparar como era a vida dos surdos no passado e como é hoje, trabalhando as mudanças e permanências.
Utilizar textos científicos em formato visual (vídeos, experimentos em revistas, livros infantis etc.) para aprender a tomar notas, em português escrito, e a fazer esquemas, coletivamente, com o auxílio do professor.	Os vídeos e textos utilizados podem ser textos da área de História, abarcando as unidades temáticas da BNCC. Podem ser utilizados livros de literatura surda ou livros que explorem aspectos culturais da formação histórica do país (literatura indígena, livros sobre estética e cultura afrodescendente, etc).
Criar histórias em quadrinhos , a partir de modelos escritos por outros autores	Pode-se abarcar os conteúdos de várias unidades temáticas da área de História, desde a história pessoal de vida, até narrativas de processos históricos, história da escola, da cidade, momentos da história do Brasil, da história dos surdos, etc.
Escrever, em português escrito, frases simples, com sentido, motivadas por uma imagem ou por uma narrativa em Libras .	A narrativa geradora pode ser uma narrativa histórico-cultural, de temas sugeridos na BNCC ou ainda imagens históricas da comunidade surda. No caso da identificação de personagens do texto, podem ser personagens da comunidade surda, heróis e heroínas surdas.
Participar de rodas de leitura para compartilhar e trocar impressões em Libras sobre a identificação de personagens do texto.	
Gravar vídeos em Libras , com frases legendadas em português escrito, sob a orientação do professor.	Os vídeos produzidos podem ser baseados nas temáticas estudadas nos diferentes anos. Além da produção de dramatizações de mitos e lendas, histórias folclóricas etc. Os próprios alunos podem produzir as legendas dos vídeos com o auxílio do professor.

Habilidades elencadas no Caderno II - ensino de Português como Segunda Língua para Estudantes Surdos	Possibilidades de exploração na área de História.
<p>Participar de situações de leitura da rotina escolar (calendário, cabeçalho, agenda, planejamento da rotina do dia, regras de convivência, lista de chamada, avisos e convites) com proatividade.</p>	<p>Ao trabalhar com textos históricos e com essas habilidades, estamos contribuindo para o desenvolvimento das noções temporais, mencionadas anteriormente neste texto. Os alunos podem construir artefatos para a organização da própria rotina com materiais recicláveis com o auxílio da professora, que deve orientar os itens importantes de serem contemplados no artefato. Podem ser filmados e fotografados os sinais em Libras de marcação temporal das atividades, com inserção de imagens ou Qr Codes. Os artefatos podem ser expostos em sala de aula ou servir para a manipulação diária individual dos alunos. O uso de imagens com os próprios alunos ou da professora sinalizando é mais recomendado do que uso de imagens de pessoas desconhecidas ou desenhos retirados da internet.</p>
<p>Perceber visualmente que as palavras que exprimem ação têm suas composições alteradas para apresentar as marcas de tempo.</p>	<p>“A prerrogativa é que a partir da compreensão do tempo, por meio do trabalho do professor com a rotina, as crianças podem desenvolver maior autonomia. Ao situarem-se no tempo e avaliarem a duração, sucessão e simultaneidade das atividades realizadas cotidianamente no ambiente escolar, os alunos conseguem se posicionar como sujeitos ativos de um processo de ensino e aprendizagem em que o poder sobre o tempo (e sobre o conhecimento acerca do tempo) não está somente no adulto, isto é, no professor.” (Antonello, 2019, p. 421).</p>
<p>Relacionar a linguagem verbal com a não-verbal para fazer a leitura de gráficos informativos, em forma de imagem ou mapa mental simples. (Ciclo da vida/crescimento de pessoas, animais e plantas; linha do tempo, etc.).</p>	<p>Bitencourt (2018) sugere o uso de “linhas do tempo” ou “frisas cronológicas” para concretizar e visualizar períodos de passagem de tempo, utilizando-se de linhas do tempo e genealogias mais complexas progressivamente. Com estudantes surdos essa estratégia é muito importante pois explora a visibilidade, e pode ser enriquecida com informações sinalizadas em Libras.</p>
<p>Sistematizar, através de imagens, a ordem cronológica dos eventos de uma narrativa.</p>	<p>Ao trabalhar com textos históricos e com essas habilidades, estamos contribuindo para o desenvolvimento das noções temporais, mencionadas anteriormente neste texto.</p>
<p>Organizar cronologicamente sequências de imagens para participar de escritas coletivas de narrativas.</p>	<p>Pode-se também pensar na marcação temporal em Libras para os conteúdos estudados. Comparar as formas de dizer nas duas línguas. Produzir artefatos visuais sinalizados, com inserção de imagens e QR codes.</p>
<p>Demonstrar as marcas de tempo e de lugar na escrita.</p>	

Habilidades elencadas no Caderno II - ensino de Português como Segunda Língua para Estudantes Surdos	Possibilidades de exploração na área de História.
Efetuar pesquisas para realizar a escrita de palavras que se alteram para expressar a marca de tempo .	
Escrever palavras e expressões de sua rotina e vivência.	
Reconhecer histórias a partir do multiculturalismo das pessoas surdas e não surdas presentes no texto com ajuda do professor.	Unidade temática sugerida: Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social.
Relacionar, com os colegas e professores, as identidades, culturas e ações que lhe sejam familiares por meio da leitura.	Objetos de conhecimento: Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas.
Identificar e relacionar as identidades, culturas e ações referidas no discurso do texto com o seu "EU" .	Ao trabalhar com textos históricos e com essas habilidades, estamos contribuindo para o desenvolvimento das noções temporais, mencionadas anteriormente neste texto.
Distinguir no texto as suas representações e sentidos com relação ao meio social, à família e à comunidade surda .	
Identificar as transformações ocorridas nos meios de comunicação (cultura oral, imprensa, rádio, televisão, cinema, internet e demais tecnologias digitais de informação e comunicação).	Trabalhar mudanças e permanências, estabelecendo relações com a cultura surda. O uso da tecnologia no contexto da cultura surda. Ou seja, ao mesmo tempo em que a criança surda constrói noções temporais de mudanças e permanências, semelhanças e diferenças, ela reflete sobre sua comunidade linguística.
Refletir sobre as transformações ocorridas nos campos de atividades em função do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação para as pessoas surdas.	"Há uma construção de sentidos para as explicações sobre o tempo e as mudanças temporais são explicadas a partir da percepção das transformações nos objetos e nas estruturas sociais a partir das suas vivências atuais. Observando a televisão de plasma e comparando-a com a televisão de fusível, a criança pode começar a estabelecer as primeiras noções de movimento do tempo e de transformações." (Cainelli, 2006, p. 9).
Comparar as mudanças dos elementos midiáticos de comunicação para as pessoas surdas, tais como o uso de TDD para Central de Libras, Torpedo para videochamada, leitura de textos para QR CODE	
Analisar historicamente o uso da tecnologia , incluindo a digital, nas diferentes dimensões da vida humana, considerando indicadores ambientais e de qualidade de vida.	
Estabelecer relações entre a inovação tecnológica e recursos de acessibilidade para a construção de cidadania dos surdos dentro da sociedade.	
Avaliar a importância do trabalho humano, a partir de registros sobre as formas de sua organização em diferentes contextos histórico-sociais .	

Habilidades elencadas no Caderno II - ensino de Português como Segunda Língua para Estudantes Surdos	Possibilidades de exploração na área de História.
Analisar a distribuição territorial da população brasileira, considerando a diversidade étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática) , assim como aspectos de renda, sexo e idade.	Legislação, buscar atividades que promovam a ancestralidade de povos indígenas e africanos, oficinas de produção de artefatos culturais, tais como, máscaras, colares, comidas típicas, rituais, pinturas corporais, etc.
Compreender o significado de eventos e manifestações culturais e da influência da cultura na formação de grupos e identidades	Promover a ludicidade, atividades que propiciem aos alunos se aprofundarem nos conteúdos culturais sob forma de imersão e de experiências concretas.
Compreender a importância de valorizar identidades, tradições, manifestações, trocas e colaborações culturais diversas .	Promover visitas a espaços de memória da coletividade local e da comunidade surda (associações de surdos, escolas de surdos, etc), estimulando a realização de registros gráficos ou fotográficos.
Estabelecer a relação do texto com o senso de identidade individual e cultural.	Organizar Estudos do Meio - visitas planejadas a espaços de memória, à festas e eventos populares, entrevista com a comunidade. Estudo do patrimônio material e imaterial, possibilidade de imersão em um local ou em uma experiência cultural.
Explorar, a partir do texto, valores e perspectivas culturais diferentes .	Atividades lúdicas e de ampliação do conhecimento sobre o passado e sobre as relações que a sociedade estabelece com ele: como é preservado, o que é preservado e por quem é preservado. (Bittencurt, 2018, p.230)
Identificar o patrimônio cultural dos surdos presentes em objetos, fotos, pinturas etc.	
Demonstrar sentimento de pertencimento dos surdos, por meio da Libras.	O trabalho com fontes históricas pode abordar diferentes temáticas de acordo com a demanda de cada contexto educacional.
Trocar informações sobre a cultura local de que faz parte para assim desenvolver empatia e sentimento de pertencimento na turma.	As fontes que podem ser utilizadas: relatos orais e sinalizados, objetos, imagens (pinturas, fotografias, vídeos), músicas, escrita, tecnologias digitais de informação e comunicação e inscrições nas paredes, ruas e espaços sociais. Pode-se explorar as memórias surdas, a partir de entrevista com membros da comunidade surda, comparar como era a vida dos surdos no passado e como é hoje, trabalhando as mudanças e permanências.
Identificar no texto o caráter multiétnico e a diversidade cultural da sociedade brasileira , adotando perante tal pluralidade atitudes isentas de preconceitos.	
Relacionar a diversidade cultural do texto com a diversidade cultural da comunidade surda.	
Compreender as fontes históricas como mecanismos para diferenciar história acontecida com grupos de surdos de história ficcional.	
Identificar vestígios de objetos e elementos culturais das fontes históricas para a produção do saber histórico da comunidade surda.	
Reconhecer a importância da preservação dos objetos (fotos, recortes de jornais, folheto de programação de eventos) para registro histórico.	

Habilidades elencadas no Caderno II - ensino de Português como Segunda Língua para Estudantes Surdos	Possibilidades de exploração na área de História.
	Os conceitos de causalidade e mudanças podem ser trabalhados com atividades de classificação e ordenação de objetos antigos, comparação com objetos atuais, etc.

Fonte: elaborado pela autora com base em Brasil (2021).

De maneira geral, a ideia é estimular a capacidade de imaginação sobre décadas passadas, fazer comparações com a própria realidade e estabelecer relações entre o passado e o presente (Fermiano, 2014). Bitencourt (2018), também argumenta na mesma direção ao afirmar que deve-se vincular o ensino do tempo cronológico à noção de geração, onde “[...] pais, avós, os vestígios do passado de pessoas familiares mais velhas mostram um momento diferente do atual, revelando as transformações sociais possíveis de ser percebidas nas relações com o tempo vivido da criança”. (Bitencourt, 2018, p. 181).

Embora se acreditasse que a criança dos anos iniciais do ensino fundamental não fosse capaz de compreender conceitos históricos devido à sua imaturidade cognitiva, vários estudos tem mostrado que não só é possível, mas também necessário começar a trabalhar o pensamento e a cognição histórica já desde os anos iniciais. (Lee 1987, Oliveira, 2003; Cooper, 2004, Ramos, 2004; Cainelli 2006; entre outros). Se para Piaget é necessário que haja uma estrutura cognitiva madura para a construção de conceitos abstratos, por outro lado, os estudos de Vigotski demonstram que é a partir da interação e da mediação do outro que a criança vai construir os conceitos. Nesse sentido, quanto antes ela tiver contato com mediações de cunho histórico, mais ela vai desenvolver a percepção das diferentes dimensões da temporalidade. Segundo Cainelli (2006, p.9) “[...] as crianças constroem narrativas seguindo as experiências familiares e do grupo de convivência. Começam a elaborar conceitos relativos ao mundo onde vivem estabelecendo comparações entre as temporalidades e os espaços vividos e não vividos.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultados, percebe-se a necessidade de levar em consideração os conhecimentos socioculturais e linguísticos prévios dos estudantes surdos e

utilizá-los como ponto de partida para a construção das noções e categorias histórico-temporais. Corroboramos com Miceli (2021), defensor da ideia de que a responsabilidade de incentivar a leitura e a escrita não é somente do professor de português. Essa também é uma tarefa do professor de história, uma vez que ensinar e aprender história depende da capacidade de leitura e compreensão textuais. Os processos de identificação, comparação, contextualização e, especialmente, de análise e interpretação, propostos pela BNCC como base para a construção do conhecimento histórico, estão fortemente alicerçados nas habilidades de compreensão e produção textual em língua portuguesa.

Ou seja, atividades propostas para ensino de português como segunda língua, podem ter como base conteúdos históricos. Leitura de imagens, produções escritas e sinalizadas, são práticas que tornam o ensino de história mais dinâmico e significativo, não se restringindo à memorização de datas e fatos. Ao mesmo tempo, valorizam a recepção e produção na primeira língua e o desenvolvimento gradual da autonomia na segunda língua.

Reforçamos a importância da mediação linguística como fator determinante no desenvolvimento de noções temporais e, conseqüentemente, de conceitos históricos mais abstratos. Uma vez que a autonomia de uso de ambas as línguas vai se constituindo gradualmente ao longo dos anos iniciais, é de grande importância que o professor bilíngue interaja com seu aluno surdo e que proporcione momentos de comunicação entre os pares linguísticos, por meio de trabalhos em duplas, grupos, leituras coletivas.

REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. Capítulo 5: Estudo do Meio e aprendizagem de História. In: ABUD, Katia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ANTONELLO, Jaqueline. NOÇÕES TEMPORAIS NA ESCOLA: MEDIAÇÕES PELA ROTINA. In: Vilmar Baggio. (Org.). **Vozes da Educação**. 2ªed. São Paulo - SP: Diálogo Freiriano, 2019, v. 5, p. 421-432.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos** / Circe Maria. Fernandes Bittencourt - 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa** - MEC/SECADI, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta Curricular para o Ensino de Português como Segunda Língua para Estudantes Surdos da Educação Básica e do Ensino Superior: Caderno II - Ensino Fundamental (anos iniciais)**, elaborado pela Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos - DIPEBS, 2021.

CAINELLI, Marlene. Educação Histórica: perspectivas de aprendizagem da história no ensino fundamental. Dossiê: Educação Histórica. **Educ. rev.** (spe). 2006. Disponível em; <https://doi.org/10.1590/0104-4060.399> . Acesso em 19 de out. de 2023.

EISENBERG, Zena Winona; LEMOS, Gisele Ribeiro. Minha rotina é o meu relógio. In: 32ª. Reunião Anual da Anped, 4 out. 2009. Disponível em:<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT20-5586--Int.pdf> . Acesso em: 30.09.2017.

FERMIANO, Maria Belintane. **Ensino de história para o fundamental 1: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

GUIMARÃES, Selma. Ensino fundamental: conteúdo, metodologia e práticas. In: GUIMARÃES, Selma. **É possível alfabetizar sem “História”?** Ou... Como ensinar História alfabetizando. 2. ed. Campinas- SP: Alínea, 2017, p. 209-229.

MICELI, P. Uma pedagogia da História? In: PINSKY, J. (Org.) **O ensino de História e a criação do fato**. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2021.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre, Artmed, 2008.